



A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO

■ WERTHER HOLZER

Departamento de Urbanismo - UFF

HÁ VINTE ANOS, EM JULHO DE 1976, O **"ANNALS OF THE ASSOCIATION OF AMERICAN GEOGRAPHERS"** PUBLICAVA O ARTIGO **"HUMANISTIC GEOGRAPHY"** DE YI-FU TUAN. ESTE TRABALHO É COMO QUE UMA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DE UM MOVIMENTO QUE VINHA SENDO GESTADO HÁ MAIS DE DEZ ANOS E QUE, NAQUELE MOMENTO, ASSUMIA A FEIÇÃO DE UM CAMPO DISCIPLINAR DISTINTO DENTRO DA GEOGRAFIA NORTE-AMERICANA. É A ESTE MARCO QUE SE REFERE O TÍTULO DESTA TRABALHO, MAS SEU PLANO É UM POUCO MAIS AMBICIOSO. O QUE PRETENDO AO LONGO DAS PÁGINAS SEGUINTE É ME REPORTAR AO SURGIMENTO DA IDÉIA DE UMA GEOGRAFIA HUMANISTA, SUA CONSOLIDAÇÃO COMO CAMPO DISCIPLINAR DISTINTO NAS DÉCADAS DE 70 E 80 E, FINALMENTE, SUAS RELAÇÕES SEMPRE PRESENTES, E NOS ÚLTIMOS ANOS MAIS ESTREITAS, COM A GEOGRAFIA CULTURAL E A GEOGRAFIA HISTÓRICA.

ANTECEDENTES À GEOGRAFIA HUMANISTA

"Humanismo", conforme Tuan preconizava em 1976, refere-se a uma tentativa de análise das ações e produtos da espécie humana a partir de uma visão que amplia a perspectiva científica cartesiana, incorporando o estudos das humanidades na leitura abrangente de temas geográficos (Tuan, 1976). Estes temas, alguns eleitos por Tuan como preferenciais para uma abordagem humanista, serão analisados mais adiante neste artigo, mas a idéia de uma disciplina centrada no estudo da ação e da imaginação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos, que pretendiam constituir uma ciência de síntese que estivesse além dos parâmetros cartesianos e positivistas, nos remete aos anos 20.

Sauer, em 1925, sugeria que o estudo das paisagens – conceito síntese da geografia – deveria iniciar-se com o estabelecimento de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem como método de estudo da relação entre o homem e o ambiente por ele formatado e transformado em habitat, em paisagem cultural (Sauer, 1983). Estas idéias desenvolvidas pelo autor durante a sua longa docência se difundiram por todos os Estados Unidos e para o exterior, propiciando a criação de muitos cursos de "geografia cultu-

A IDÉIA DE UMA
DISCIPLINA
CENTRADA NO
ESTUDO DA AÇÃO
E DA IMAGINAÇÃO
HUMANAS E NA
ANÁLISE OBJETIVA E
SUBJETIVA DE SEUS
PRODUTOS

ral", que através do trabalho de campo e de relatos de não-geógrafos procuravam fazer uma geografia que captasse "os significados e cores do variado cenário terrestre" (Sauer, 1983, 320).

Outro geógrafo norte-americano, este de outra tradição – a da geografia histórica –, se voltaria para temas semelhantes. John Kirtland Wright, então presidente da Association of American Geographers (AAG), em 1947, faria um discurso exortando os geógrafos a explorar as "terras incógnitas pessoais", ao estudo da imaginação que povoa a mente de todos nós, e que levasse a geografia para além do plano acadêmico que a sujeita aos métodos de análise objetivos. Sua idéia era de incorporar a subjetividade, pela utilização de trabalhos leigos com cunho geográfico, produzindo uma disciplina que estivesse além da análise sistemática; uma "geosofia histórica", definida como o estudo do conhecimento geográfico produzido por geógrafos e por não-geógrafos (Wright, 1947).

No início da década de 60, com o crescente domínio da geografia quantitativa e o surgimento da geografia comportamental, um ex-aluno de Sauer, David Lowenthal, revisita a obra de Wright com o intuito de renovar a geografia cultural, que cada vez mais perdia espaço nos meios acadêmicos norte-americanos. Sua proposta, uma nova epistemologia para a geografia (Lowenthal, 1961). A discussão por ele proposta desviava-se do eixo então dominante, o da procura de metodologias que se adequassem aos modelos matemáticos, remetendo-se para a fundamentação de uma teoria do conhecimento geográfico. Seu ponto de partida era a "geosofia", vista à base de um projeto de ciência que abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o in-

consciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático.

Neste mesmo ano, Tuan (1961), baseando-se na obra poética de Bachelard ("La Terre et les Rêveries de la Volonté", "La Poétique de L'Espace" e "L'Eau et les Rêves"), propõe uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, denominado por ele de **topofilia**. A geografia se dedicaria ao estudo das vivências, que se expandem do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens.

Os primeiros passos para uma renovação radical da geografia cultural estavam dados, o encontro de Tuan e Lowenthal, anos mais tarde, daria uma nova direção para este processo.

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AS APROXIMAÇÕES HUMANÍSTICAS _____

Como já disse anteriormente, o início dos anos sessenta foi marcado pelo domínio da geografia analítica nos Estados Unidos. Este domínio possibilitou a convergência de pesquisas geográficas com linhas bastante díspares tendo como tema comum a percepção ambiental.

Aos poucos os geógrafos analíticos, preocupados em incorporar os avanços da psicologia comportamental, bem como os geógrafos culturais e da geografia histórica, interessados em renovar o seu campo com contribuições da antropologia, psicologia e sociologia, aproximaram-se. A oportunidade para um encontro efetivo se deu no Encontro Anual da AAG, em 1965, quando Robert Kates e Gilbert White, dedicados ao estudo das catástrofes ambientais, uniram-se a Lowenthal na promoção de um simpósio sobre percepção ambiental e comportamento. Dos trabalhos apresentados alguns foram

publicados na íntegra dois anos depois (Lowenthal, 1967 a), sendo que deles nos interessam diretamente os textos de introdução, escritos pelo próprio Lowenthal (1967 b), e um artigo de Tuan (1967).

Para Lowenthal os estudos geográficos dividem-se em três temas: 1) a natureza do ambiente; 2) o que pensamos e sentimos sobre o ambiente; 3) como nos comportamos e alteramos o ambiente. O principal problema da geografia, dizia ele, é que só se preocupa com o primeiro tema, considerado como o "mundo real". O "meio pessoalmente apreendido", ligado ao comportamento humano e ao modo como a paisagem é modelada e construída, vinha sendo negligenciado. Por sua vez, Tuan também falava em dois modos de se ler os conceitos geográficos: 1) a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra; 2) nas marcas que o homem imprime na natureza como agente. Sendo que este segundo modo se relacionaria com as humanidades. O referido autor levantava e enumerava diversas "aproximações humanistas", tais como: as atitudes do indivíduo em relação a um aspecto do ambiente; atitudes do indivíduo com relação às regiões; a concepção individual da sinergia homem-natureza; a atitude dos povos acerca do ambiente; e as cosmografias nativas. Outra destas aproximações ele considerava como que totalmente negligenciada: a das atitudes em relação à natureza focalizando a atenção nas paisagens que adquirem um significado simbólico especial.

SEU INTERESSE ERA PELOS VALORES HUMANOS, A ESTÉTICA E UM NOVO ESTILO DE VIDA

O "MEIO PESSOALMENTE APREENDIDO", LIGADO AO COMPORTAMENTO HUMANO E AO MODO COMO A PAISAGEM É MODELADA E CONSTRUÍDA, VINHA SENDO NEGLIGENCIADO

Com este simpósio foram traçados uma linha de ação e um roteiro básico de temas para uma geografia cultural e histórica renovada. Seus pontos de partida seriam o "meio pessoalmente apreendido" e as "aproximações humanísticas". Falta-lhe agora um suporte teórico-conceitual que permitisse uma distinção clara entre ela e a geografia comportamental, realizando o sonho de se fazer uma nova epistemologia para a geografia.

A CONTRACULTURA E AS APROXIMAÇÕES HUMANÍSTICAS

Até agora me referi apenas ao contexto interno, ao mundo acadêmico da geografia. Mas para compreendermos as forças que levaram a um campo disciplinar autônomo, denominado "geografia humanista", torna-se necessária a referência ao ambiente intelectual do final dos anos sessenta: o do movimento hippie, da revolta estudantil e do questionamento feroz dos padrões culturais e políticos instituídos.

Um pequeno artigo de um geógrafo econômico (Parsons, 1969), é revelador deste clima geral de mudança, e permite uma ligação com o mundo acadêmico da geografia. Para o autor em questão, os jovens, naquele momento, não estavam interessados em uma geografia operacional e não acreditavam em leis mecanicistas ou em modelos de mundo. Seu interesse era pelos valores humanos, a estética e um novo estilo de vida. No caso da geo-

grafia, dizia Parsons, o cientificismo e o economicismo que a dominavam eliminaram os valores morais e a subjetividade humana. Uma geografia que fosse ao encontro desses novos valores deveria basear-se em uma "aproximação humanística", tendo como objeto a apreciação da paisagem enquanto ambiente natural e humanizado, o que contribuiria para a preservação e valorização do ambiente terrestre.

Buttimer, por sua vez, faria críticas veementes à geografia: Segundo ela:

dramáticos e excitantes desafios confrontam os geógrafos hoje em dia. Mudanças revolucionárias nos padrões sociais empíricos significaram obsolescências para muitos procedimentos analíticos tradicionais: transformações radicais do mundo acadêmico fizeram nascer questões relativas à base filosófica dos procedimentos da ciência social. Comportamentalistas e existencialistas colocam a questão fundamental: pode a ciência continuar a servir a uma função útil medindo e explicando a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve ela também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas" (Buttimer, 1969, 417. Grifo meu).

Também nomes já consagrados, como Meinig, ligado à geografia cultural, reconheceram a importância da "descoberta" do ambiente. O autor recomendava um programa de pesquisas sério, que poderia ser agrupado sob o

O CIENTIFICISMO E O ECONOMICISMO QUE A DOMINAVAM, ELIMINARAM OS VALORES MORAIS E A SUBJETIVIDADE HUMANA

cientistas naturais especializados em "natureza", mas não em cultura humana. Para Meinig a apreciação ambiental "é uma arte, é holística, particularista, peripatética, qualitativa, sensual e finalmente idiossincrática e profundamente emocional" (Meinig, 1971, 11).

FENOMENOLOGIA E HUMANISMO _____

Como já disse anteriormente, o contexto propiciava a procura de novos aportes por parte da geografia, e no caso específico das "aproximações humanísticas" algo que a diferenciasse da geografia comportamental que já vinha se consolidando como sub-campo disciplinar. Buttimer, como já vimos, delinea a alternativa do existencialismo.

No entanto, Relph (1970) foi o primeiro a colocar em um artigo as possibilidades da fenomenologia ser o suporte filosófico capaz de unir todos os geógrafos ocupados com aspectos subjetivos da espacialidade, mas que não desejavam ser identificados como comportamentalistas. Sua proposta era, explicitamente, de "desenvolver uma bagagem filosófica para as aproximações humanistas na geografia" (Relph, 1970, 195). O método fenomenológico seria utilizado para se fa-

"É UMA ARTE, É HOLÍSTICA, PARTICULARISTA, PERIPATÉTICA, QUALITATIVA, SENSUAL E FINALMENTE IDIOSSINCRÁTICA E PROFUNDAMENTE EMOCIONAL"

zer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva.

Relph previa pelo menos duas conseqüências imediatas do uso da fenomenologia na geografia: uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo. Tuan, que nesta época lecionava na Universidade de Toronto, a mesma de Relph, também publicou um artigo explorando as relações da geografia com a fenomenologia. Logo depois, Mercer e Powell (1972) sistematizaram os métodos não convencionais para as aproximações subjetivas na geografia, entre eles a fenomenologia.

A idéia amadureceu e Buttimer (1974), em anexo ao seu “*Values in Geography*”, publicou um estudo sobre a utilização da fenomenologia e do existencialismo pela geografia. Para a autora o mérito destas filosofias é o de abranger a totalidade do ser – percepção, pensamento, símbolos e ação – o que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é o sujeito e o que é objeto.

O último passo para personalizar a geografia cultural que pretendia dedicar-se à percepção ambiental e se renovar epistemologicamente estava dado. Daí para a individualização das “aproximações humanísticas” na geografia, calcadas na fenomenologia existencialista, era uma questão de assimilação do novo campo pela mídia especializada. Seu manifesto seria publicado dois anos mais tarde, seu nome “geografia humanista”.

A GEOGRAFIA HUMANISTA E O CONCEITO DE LUGAR _____

A fenomenologia existencialista não foi, porém, o traço de identificação mais forte da geografia hu-

manista. Na verdade o aporte filosófico foi, na palavra dos próprios humanistas, tomado de maneira “implícita”, como Pickles (1985) apontaria mais tarde. Deste modo, do método fenomenológico foram apropriados, principalmente, os conceitos de “mundo vivido” (Lebenswelt) e de “ser-no-mundo”, que na geografia seria identificado com o conceito de “lugar”. Não houve, no entanto, uma preocupação de aplicação rigorosa do método proposto por Husserl, considerado de difícil compreensão pelos próprios membros do coletivo.

Torna-se necessária agora uma breve interrupção na narrativa cronológica que vinha sendo seguida, para que eu fale da influência decisiva que o geógrafo Eric Dardel teve nas pesquisas sobre o “lugar”. Dardel era um professor de liceu que em 1952 publicou um pequeno livro intitulado “*L’Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*” (Dardel, 1990), que talvez seja o único exemplar de uma autêntica geografia existencialista até hoje escrito.

Ele opunha ao espaço geométrico, abstrato, o espaço geográfico, com todas as suas implicações sobre a nossa existência e o nosso destino. E, mais importante para este texto, definia o espaço, fenomenologicamente, como a conjunção de distâncias e de direções que, tendo como referência o corpo e o suporte onde ele se instala, constituiria um espaço primitivo. A partir deste se constituiriam categorias espaciais como a de lugar e a de paisagem, por exemplo.

Este livro, comprovadamente, influenciou Relph em suas pesquisas sobre o conceito de lugar. Se fizermos uma leitura atenta dos artigos de Tuan que versam sobre o tema veremos onde ele foi buscar inspiração.

O fato é que a partir de 1973, quando Relph apresentou sua dissertação intitulada "The Phenomenon of Place", mais tarde publicada (Relph, 1976), o lugar tornou-se um polo de atenção da geografia humanista.

Tuan, por sua vez, atuava em dois campos de pesquisa distintos: um dedicado à pesquisa das atitudes do homem em relação ao ambiente, que culminou com a publicação de "Topofilia" em 1974 (Tuan, 1980); outro dedicado à busca de um conceito espacial adequado às propostas humanistas, que culminou com a publicação de "Espaço e Lugar" em 1977 (Tuan, 1983). Esta segunda alternativa é a que mais interessa neste artigo.

Em artigo de 1974, Tuan afirmava que o espaço e o lugar definem a natureza da geografia. Sob a perspectiva humanista eles deviam ser estudados a partir dos sentimentos e das idéias de um povo na corrente da experiência. Para o autor:

a importância do "lugar" para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia. ... Como em um único e complexo conjunto – enraizado no passado e incrementando-se para o futuro – e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista (Tuan, 1974).

Tuan ia mais longe ligando o tempo e o espaço a partir da noção de distância, afirmando que ambos os conceitos são orientados e estruturados pela intencionalidade do ser. O autor faria outra incursão na caracterização do lugar (Tuan, 1975), preocupando-se com a perspectiva da experiência e com

PARA ELE O LUGAR É UM
MODO PARTICULAR DE
RELACIONAR ESSAS
DIVERSAS EXPERIÊNCIAS DE
ESPAÇO, PODENDO SER
IDENTIFICADO A PARTIR DE
TRÊS COMPONENTES QUE
SE INTERRELACIONAM:
TRAÇOS FÍSICOS,
ATIVIDADES E FUNÇÕES
OBSERVÁVEIS E,
FINALMENTE, SIGNIFICADOS
OU SÍMBOLOS

as várias escalas que o lugar pode ter: o lar, a vizinhança, a cidade, a região e o estado-nação. Suas pesquisas seriam condensadas, mais tarde, no livro "Espaço e Lugar" (Tuan, 1983), onde foi apresentada a seguinte questão básica: o que são o espaço e o lugar em termos da experiência humana? Os temas abordados eram do corpo e dos valores espaciais, do espaço mítico, da relação entre tempo e lugar, do espaço humanizado, da importância da experiência e das relações intersubjetivas na constituição dos lugares.

O livro de Relph "Place and Placelessness" (1976), por sua vez, seguia linha semelhante. O autor explicitava seu objetivo: "... examinar um fenômeno do mundo vivido – o lugar, e tentar elucidar a diversidade e intensidade de nossas experiências do lugar" (Relph, 1976, n.p.). Relph identificava seis tipos de espaço: o pragmático ou primitivo, o perceptivo, o existencial ou vivido, o arquitetônico ou do planejamento, o cognitivo e o abstrato. Para ele o lugar é um modo particular de relacionar essas diversas experiências de espaço, podendo ser identificado a partir de três componentes que se interrelacionam: traços físicos, atividades e funções observáveis e, finalmente, significados ou símbolos. Componentes estes que lhe dão autenticidade. Desse modo, definido o suporte teórico-conceitual, ainda que não de modo ortodoxo, e um conceito espacial, que viabilizasse a análise geográfica, a empresa de uma geografia cultural humanística estava prestes a ser consolidada. Esta-

vam criadas as condições para que em 1976 fosse publicado um “manifesto” expondo suas propostas de pesquisa.

“HUMANISTIC GEOGRAPHY” A RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL

Com “Humanistic Geography” (Tuan, 1976) definia-se uma orientação humanista para a geografia. Para Tuan o objetivo do novo campo disciplinar não era se deter na exploração de um tema único, mas de fazer uma nova leitura de todos os temas geográficos, de construir o conhecimento científico de modo crítico, procurando na filosofia um ponto de vista para a avaliação dos fenômenos humanos. No referido artigo foram indicados cinco temas de interesse da geografia humanista que, para o autor, estavam além da metodologia científica. Eram eles: o conhecimento geográfico, território e lugar, aglomeração e privacidade, modo de vida e economia e, finalmente, religião.

O manifesto de Tuan foi reforçado pelo artigo de Buttimer (1976), publicado no mesmo número dos *Annals of the AAG*, intitulado “*Grasping the Dynamism of Lifeworld*”. Ela sugeria as noções da fenomenologia existencialista a serem utilizadas pela geografia: a intencionalidade e o mundo vivido. Com isso procurava colocar a disciplina geográfica além do empirismo e do idealismo, partindo do princípio de que:

ao clamar que a consciência constitui o significado do mundo, temos que assumir, entre outras coisas, que a percepção coincide com a compreensão, o que nem sempre acontece com a experiência (Buttimer, 1976, 282).

Para a autora, a partir daí, existem três campos para a pesquisa na geografia: construir o espaço

como um mosaico de lugares que refletem a vontade, valores e memória humanas, estudar o espaço social que filtra os sistemas sociais e as redes de interação e por fim estudar o espaço em termos dos processos ecológicos e de sua organização funcional. Os humanistas escolheram para si a primeira alternativa.

Na prática, ao longo da década de 70, além do pequeno grupo coeso voltado para os temas e para o aporte filosófico segundo os parâmetros que citei acima – grupo que pode ser chamado de núcleo ou coletivo humanista –, havia outros com linhas de pesquisa semelhantes e que trocavam entre si críticas e sugestões para o desenvolvimento das aproximações humanísticas. Os mais próximos eram o de geógrafos culturais que trabalhavam com as interfaces entre a geografia e as humanidades, sem se preocupar com as questões teórico-conceituais levantadas pelo coletivo humanista. Entre seus representantes podemos citar Lowenthal (1977, 1978) que continuava com sua investigação sobre o papel das paisagens na reconstituição da memória e do passado; Rees (1978, 1980), preocupado com as interfaces entre a geografia e as artes plásticas; e Pocock (1981) que analisou textos que exploravam as interfaces da geografia com a literatura.

Outras três abordagens foram importantes para a geografia humanista na década de 70: a da crítica aos geógrafos humanistas, a dos que procuravam estabelecer novos paradigmas para a geografia e a dos que procuravam a interface do aporte teórico humanista com outras bases filosóficas. No primeiro caso situa-se Entrikin (1976) que criticava na geografia humanista sua reinterpretação existencialista da doutrina de Husserl, considerando que o único papel relevante que ela poderia assumir era o

de crítica ao positivismo. Postura que propiciou muitas referências ao humanismo como um mero criticismo, subestimando o potencial dos temas por ele colocados. No segundo está Johnston (1986, 1980), que faria um esforço para delimitar o que considerava ser os três novos "paradigmas" da geografia: o positivismo, o marxismo/estruturalismo e o humanismo. E no último estão autores que procuravam aproximar a geografia humanista de outros aportes filosóficos, como o idealismo (Guelke, 1974; 1979), a dialética marxista (Cosgrove, 1978), ou o materialismo histórico (Sayer, 1979).

Com o passar dos anos, o próprio coletivo humanista passou a refletir esta abertura para o ecletismo, como podemos constatar na coletânea publicada por Ley e Samuels (1978), onde havia textos voltados para orientações epistemológicas diversas (La Blache, Marx, Wittgenstein) e outros dedicados à procura de contribuições efetivas a partir da aplicação dos métodos humanistas em estudos de caso. Abriu-se bastante o leque de temas proposto por Tuan em 1976.

A GEOGRAFIA HUMANISTA NA DÉCADA DE 80 _____

A geografia humanista continuou a se expandir na década de 80, gerando um ecletismo de propostas e extrapolando o público inicial de geógrafos culturais e históricos norte-americanos. Houve a adesão de geógrafos sociais norte-americanos e de geógrafos históricos e urbanos ingleses, além de sua

A GEOGRAFIA HUMANISTA CONTINUOU A SE EXPANDIR NA DÉCADA DE 80, GERANDO UM ECLETISMO DE PROPOSTAS E EXTRAPOLANDO O PÚBLICO INICIAL DE GEÓGRAFOS CULTURAIS E HISTÓRICOS NORTE- AMERICANOS

difusão por países de línguas diversas do inglês.

O debate filosófico, que antes estava voltado para um debate filosófico genérico, agora se dava no terreno específico da geografia. Este processo gerou a procura de antecessores e de interfaces com outros campos da geografia. Uma marca bem sutil desta mudança é o livro "The Human Experience of Space and Place" (Buttimer e Seamon, 1980), no qual Buttimer e seus ex-alunos da

Universidade Clark teorizavam sobre as experiências vividas filtradas pela conceituação humanista de espaço e lugar. Outra questão emergente seria a da discussão da validade de paradigmas para a geografia, bem como da recusa da existência de um "paradigma humanista". Um bom exemplo é o livro editado por Stodart (1981), que questionava a visão da geografia como uma série de eventos cronológicos organizados em escolas nacionais. Neste volume, Buttimer (1981) colocava em dúvida a própria validade do conceito de paradigma, conforme enunciado por Kuhn vinte anos antes.

Rolph (1981) iria mais longe, demolindo os argumentos dos que procuravam criar um paradigma humanista. Para o autor o termo "humanista", com sua gama de significados distintos, era anti-paradigmático. Ele selecionou quatro concepções distintas para a geografia humanista: uma crítica dos significados e dos valores a partir da fenomenologia, uma busca dos laços entre a geografia e seus métodos a partir das humanida-

des, uma aproximação construtiva que reconciliaria a geografia humanista com a ciência social e uma derivação das tradições da geografia histórica e cultural.

Estas discussões acerca da validade dos paradigmas levou a uma evasão de membros do núcleo humanista, como Relph, por exemplo, e a uma crescente fragmentação das aproximações adotadas por seus seguidores. Cresceu a controvérsia sobre quais seriam os temas e os objetivos da geografia humanista. Assim, no periódico "**Progress in Human Geography**", em seus artigos que resumem o "**estado da arte**", encontram-se bons exemplos acerca dessas discussões, como os comentários de Ley (1981 e 1983) e de Rowntree (1986, 1987 e 1988) sob o título de "**Cultural/humanistic geography**", e os de Claval (1981 e 1982) sob o título de "**Methodology and geography**".

Outro fato marcante foi o da tentativa de aproximação dos conceitos humanistas e marxistas. Gregory (1981) procurava associar a geografia humanista com "**la géographie humaine**" de La Blache, comparando o conceito de "**estrutura**" vidalino, considerado semelhante ao dos humanistas, com a concepção de "**estrutura**" nos trabalhos de Willians, Bourdieu, Touraine, Habbermas e Giddens. Cosgrove (1983) oferecia a alternativa de uma "**geografia cultural radical**". Se "*uma geografia humanista toma a cultura como o centro de seus objetivos, isto é, compreender o mundo vivido dos grupos humanos, uma geografia marxista precisa reconhecer que o mundo vivido, ainda que simbolicamente constituído, é material, e não deve negar sua objetividade*" (Cosgrove, 1983, 1). Thrift (1983), baseando-se em Thompson e Willians, fazia uma análise materialista do lugar, procurando a "**estru-**

tura dos sentimentos" (structure of feeling) em trabalhos literários. Jackson (1983), finalmente, ressaltava a contribuição dos humanistas na fundamentação teórica das relações entre a ação humana e a estrutura social no desenvolvimento da geografia social, tendo Habbermas e Giddens como referências.

Finalmente, temos críticas à geografia humanista por não adotar rigorosamente a fenomenologia. Seu melhor representante foi Pickles (1985), que investigou a natureza da ciência e da pesquisa geográfica para demonstrar a importância da utilização da fenomenologia pela geografia. O autor fazia uma distinção importante entre "**fenomenologia geográfica**", na qual o método fenomenológico era adotado como um todo, e a "**geografia fenomenológica**", praticada pelos humanistas, na qual a adaptação de vários conceitos tradicionais da geografia levaram a um resultado diverso do projeto original da fenomenologia. Pickles queria a construção de uma geografia fenomenológica fundamentada na fenomenologia transcendental de Husserl, que possibilitaria uma ontologia da ciência viabilizadora da análise do mundo vivido e da espacialidade humana.

Não posso deixar de citar os trabalhos de Tuan, que prosseguia em sua construção da geografia humanista. Em "**Dominance and Affection**" (1984), discutia o processo de dominação que o homem exerce sobre a natureza e seus semelhantes. Em "**The Good Life**" (1986) dedicava-se ao conceito de qualidade de vida em diversos meios culturais. E agora, na década de 90, continua sua pesquisa sobre a cultura, como em "**Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture**" (Tuan, 1993).

CONCLUSÃO

O que foi colocado aqui é, por uma questão do próprio formato do artigo, uma simplificação dos contextos e dos processos que levaram à criação da geografia humanista como campo independente da geografia cultural e histórica. As relações e as questões envolvidas são bem mais complexas, como pude colocar em outro trabalho bem mais extenso (Holzer, 1992).

Hoje posso afirmar que a movimentação provocada pela geografia humanista nas décadas de 70 e 80, com seu ataque ao idealismo e ao empirismo, sua procura de métodos alternativos, sua valorização do indivíduo e da espacialidade humana e sua aversão pelos paradigmas, apontam para um contexto mais amplo, extra-geografia: o do surgimento do pós-modernismo. Sob este aspecto, a geografia cultural norte-americana, renovada como geografia humanista, sempre esteve na vanguarda e possivelmente tem muitas das respostas para as questões que o pós-modernismo coloca para os estudiosos da espacialidade humana.

Cabe ressaltar que ela sempre esteve sintonizada com a "questão ambiental", e que foi dentro do coletivo humanista que os problemas ambientais, como os vemos hoje, tomaram visibilidade e avançaram conceitualmente na disciplina geográfica.

Buttimer (1990) nos mostra o humanismo como um grito de emancipação da humanidade a partir da visão global dos problemas ambientais, da Terra como Gaia. Como ela mesmo observa:

S
OB ESTE ASPECTO, A
GEOGRAFIA CULTURAL
NORTE-AMERICANA,
RENOVADA COMO
GEOGRAFIA HUMANISTA,
SEMPRE ESTEVE NA
VANGUARDA E
POSSIVELMENTE TEM
MUITAS DAS RESPOSTAS
PARA AS QUESTÕES QUE O
PÓS-MODERNISMO
COLOCA PARA OS
ESTUDIOSOS DA
ESPACIALIDADE HUMANA

e a geografia humanista? talvez ela anuncie uma fênix potencial, emergindo das cinzas de tiranias passadas—metodológicas, epistemológicas, ou ideológicas—em algumas ou todas as facetas da pesquisa geográfica. Como perspectiva de vida, o humanismo valoriza o desafio de discernir o potencial criativo dos indivíduos e grupos, em lidar com a superfície da Terra de maneiras responsáveis e co-responsáveis. A criatividade humana também não é confinada pela esfera intelectual: ela envolve emoção, estética, memória, fé e determinação. Como a fênix, então, a perspectiva humanista na geografia deveria recusar-se a ser delimitada, nomeada ou apropriada por estruturas faustianas. Ela pode inspirar os praticantes da geografia física, econômica, cultural ou social, e deveria, talvez, deixar de investir muita energia na afirmação de seu direito de ser um ramo especial do campo de conhecimento (Buttimer, 1990, 28).

Outro aspecto que deve ser apontado é que nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do positivismo como método. Assim, no final dos anos 80, como nos mostra Tuan (1989), o contexto da geografia já havia sido tomado por muitos dos temas do humanismo, que agora podia ser identificado como uma "cultural-humanist geography" (geografia cultural-humanista), que se interroga como é este mundo e como pode ser descri-

to e que, mais uma vez, aponta um elenco de temas que podem ser seguidos.

Acredito que dentro desta empreitada, em um momento em que as questões da geografia estão no plano da ontologia, todos os temas levantados pela geografia estão em aberto para a pesquisa, mas dentre eles o que mais desafia a renovação do campo da geografia cultural, e de toda a ciência geografia, é o da aplicação rigorosa, consciente e corajosa do método fenomenológico.

BIBLIOGRAFIA

- BUTTNER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. *Geographical Review*. 59 (4) : 417-426, 1969.
- _____. Values in Geography. Washington, AAG, 1974, 58 p.
- _____. Grasping the dynamism of lifeworld. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2) : 266-276, 1976.
- _____. On people, paradigms and "progress" in geography. In: Stodart, D. R. (ed.). *Geography, Ideology and Social Concern*. Totowa, Barne & Noble Books, 1981, p. 81-98.
- _____. Geography, humanism, and global concern. *Annals of the Association of American Geographers*. 80 (1) : 1-33, 1990.
- BUTTNER, Anne; SEAMON, David (eds.). *The Human Experience of Space and Place*. New York, St. Martin's Press, 1980. 199 p.
- CLAVAL, Paul. Methodology and geography. *Progress in Human Geography*. 5 (1) : 97-103, 1981.
- _____. Methodology and geography. *Progress in Human Geography*. 6 (3) : 449-454, 1982.
- COSGROVE, Denis E. Place, landscape, and the dialectics of cultural geography. *Canadian Geographer*. 22 (1) : 66-72, 1978.
- _____. Towards a critical cultural geography: problems of theory. *Antipode*. 15 910 : 1-11, 1983.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*. Paris, Ed. CTHS, 1990. 199 p.
- ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary humanism in geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (4) : 615-632, 1976.
- GREGORY, Derek. Human agency and human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers n. s.* . 6 (1) : 1-18, 1981.
- GUELKE, Leonard. An idealist alternative in human geography. *Annals of the Association of American geographers*. 64 (2) : 193-202, 1974.
- _____. The philosophy of idealism. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (1) : 168-169, 1979.
- HOLZER, Werther. *a Geografia Humanista - sua Trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992. (dissertação mestrado). 550 p. 2 v.
- JACKSON, Peter. Social geography: convergence and compromise. *Progress in Human Geography*. 7 (11): 116-121, 1983.
- JOHNSTON, R. J. *Geografia e Geógrafos: a Geografia Humana Anglo-americana desde 1945*. São paulo, DIFEL, 1986. 360 p.
- LEY, David. Cultural/ Humanistic geography. *Progress in Human Geography*. 5 (2) : 249-257, 1981.
- _____. Cultural/ Humanistic geography. *Progress in Human Geography*. 7 (2) : 267-275, 1983.
- LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. *Humanistic Geography: Prospects and Problems*. Chicago, Maaroufa Press, 1978.
- LOWENTHAL, David. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*. 51 (3) : 241-260, 1961.
- _____. (ed.). *Environmental Perception and Behavior*. Chicago, The University of Chicago Press, 1967 a. 88p.
- _____. Introduction: environmental perception and behavior. In: Lowenthal, D. (ed.). *Environmental Perception and Behavior*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1967 b, p. 1-3.
- _____. The bicentennial landscape: a mirror held up the past. *Geographical Review*. 67 (3) : 253-267, 1977.
- _____. Finding valued landscapes. *Progress in Human Geography*. 2 (3) : 373-418, 1978.
- MEINIG, Donald W. Environmental appreciation: localities as a humane art. *Western Humanities Review*. 25 (1) : 1-11, 1971.
- MERCER, D.C.; POWELL, J. M. *Phenomenology and Related Nonpositivistic View Points in the Social Sciences*. Claiton, Monash Publications in Geography, 1972. 62 p.
- PARSONS, James J. Toward a more humane geography. *Economic Geography*. 45 (3) : guest editorial, 1969.
- PICKLES, John. *Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Sciences*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1985. 202 p.
- POCOCK, D.C.D. *Humanistic Geography and Literature: Essays on the Experience of Place*. London, Croom Helm, 1981.
- REES, Ronald. Landscape in art. In: Butzer, K. W. (ed.). *Dimensions of Human Geography: Essays on Some Familiar and Neglected Themes*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1978, p. 48-68.
- _____. Historical links between cartography and art. *Geographical Review*. 70 (1) : 61-78, 1980.
- RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*. 14 (3) : 193-201, 1970.
- _____. *Place and Placelessness*. London, Pion, 1976. 156 p.
- _____. *Rational Landscapes and Humanistic Geography*. London, Croom Helm, 1981. 231 p.
- ROWNTREE, Lester. Cultural/Humanistic geography. *Progress in Human Geography*. 10 (4) : 580-586, 1986.
- _____. Cultural/Humanistic geography. *Progress in Human Geography*. 11 (4) : 558-564, 1987.
- _____. Ortoodoxy and new directions. *Progress in Human Geography*. 12 (4) : 575-586, 1988.
- SALTER, Christopher L. Signatures and settings: one approach to landscape literature. In: Butzer, K. W. (ed.). *Dimensions of Human Geography: Essays on Some Familiar and Neglected Themes*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1978, p. 69-83.

- SAUER, Carl O. The morphology of landscape. In: Leighly, J. (ed.). *Land and Life - a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley, Univ. of California Press, 1983, p. 315-350.
- SAYER, Andrew. Epistemology and conceptions of people and nature in geography. *Geoforum*. 10 (1) : 19-43, 1979.
- STODART, David R. (ed.). *Geography, Ideology, and Social Concern*. Totowa, Barnes and Noble Books, 1981. 250 p.
- THRIFT, Nigel. Literature, the production of culture and politics of place. *Antipode*. 15 (1) : 12-24, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. Topophilia or, sudden encounter with landscape. *Landscape*. 11 (1) : 29-32, 1961.
- _____. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: Lowenthal, D. (ed.). *Environmental Perception and Behavior*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1967, p. 4-17.
- _____. Geography, phenomenology and the study of human nature. *Canadian Geographer*. 15 (2) : 181-192, 1971.
- _____. Place an experiential perspective. *Geographical Review*. 65 (2) : 151-165, 1975.
- _____. Humanistic geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2) : 266-276, 1976.
- _____. Space and place: humanistic perspective. *Progress in Geography*. (6) : 211-252, 1974
- _____. Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo, DIFEL, 1980. 288 p.
- _____. Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência. São Paulo, DIFEL, 1983. 250 p.
- _____. *Dominance and Affection: the Making of Pets*. New Haven, Yale University Press, 1984. 193 p.
- _____. The city as moral universe. *Geographical Review*. 78 (3) : 316-324, 1988.
- _____. Surface phenomena and aesthetic experience. *Annals of the Association of American Geographers*. 79 (2) : 233-241, 1989.
- _____. *Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature and Culture*. Washington, Island Press, 1993.
- WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 37 (1) : 1-15, 1947.